

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC
CENTRO UNIVERSITÁRIO FMABC

O USO DA TELESSAÚDE EM ESCOLAS PARA PROMOVER O BEM-ESTAR DOS
ESTUDANTES: UM EXPERIMENTO DE SAÚDE DIGITAL NO MUNICÍPIO DE
SANTO ANDRÉ

Elizabeth Miura Miyasaka

**Se Liga na Saúde da Galera - um levantamento sobre a adolescência na periferia
de Santo André**

Monografia de Iniciação Científica

Santo André, SP
2022

Sumário

Identificação	03
Resumo e palavras-chave	03
Introdução	04
Fundamentação teórica	06
Metodologia	08
Cronograma	10
Contribuições e resultados esperados	10
Referências	10
Sites a consultar	14

Identificação

Título: Se Liga na Saúde da Galera - um levantamento sobre a adolescência na periferia de Santo André

Nome do proponente: Centro Universitário FMABC

Pesquisadora: Acadêmica Elizabeth Miura Miyasaka (5º ano do bacharelado de Medicina)

Área de interesse: Saúde, Sociologia e Inovação Social.

Orientadora: Professora Doutora Silmara Conchão

Coorientador: Professor Doutor Eduardo Magalhães Rodrigues

Resumo e palavras-chave

A presente pesquisa busca identificar aspectos relacionados ao bem-estar e à saúde mental, sob o viés da Saúde Coletiva¹, de adolescentes da periferia no período de pandemia e pós-pandemia. Consideraremos como amostra adolescentes de 12 a 18 anos. Nosso tema central será o que eles e elas nos contam sobre o contexto social ao qual estão inseridos. A ideia é desconstruir aspectos individualizados e revelar os fatores sociais que influenciam as atitudes e as opiniões sobre as formas de ser, de pensar e de viver em sociedade. Como metodologia, utilizaremos a técnica de entrevista mista² (estruturada e não-estruturada: com um tema determinado) que vamos desenvolver junto aos(as) participantes do projeto de reforço escolar na favela, além de levantamento documental para verificação do perfil social, educacional e de saúde, ambos organizados pelo Projeto Rondon e pelo Centro de Estudos de Saúde Coletiva (Cesco), vinculados ao Centro Universitário FMABC que atua na ocupação do Morro da Kibon há anos. Salientamos a importância de nosso público principal: adolescentes que na fase de maior modificação social, física e psicológica enfrentaram a pandemia vivendo em um ambiente de extrema pobreza. O que eles e elas têm a nos dizer sobre o durante e o pós desse evento? A fala desses(as) adolescentes constitui o objeto central de nosso interesse. Verificaremos, através

¹ O que inclui, essencialmente, a incorporação dos Determinantes Sociais de Saúde (DSSs).

² Rubbin, 1995.

deste estudo, os novos desafios no pós-pandemia, bem como os velhos dilemas de um sistema pautado pela desigualdade de oportunidades, dramática concentração de renda e pobreza extrema. Tal realidade se conecta com a escalada da violência, ascensão do crime organizado e acentuação do sofrimento mental que poderiam ser minimizados com possibilidades reais de uma vida com mais dignidade. É com esta perspectiva que iremos investigar o bem-estar e a saúde mental na fase da adolescência na periferia, visando, por fim, produzir elementos (reflexões científicas e dados qualitativos) que possam contribuir para a implementação e a avaliação de um sistema de telessaúde piloto nas escolas públicas mais vulneráveis da cidade de Santo André.

Palavras-chave: Pandemia, saúde mental, periferia, adolescentes, vulnerabilidades, telessaúde, políticas públicas, saúde coletiva

Introdução

A presente pesquisa busca identificar aspectos relacionados ao bem-estar e à saúde mental³ de adolescentes, neste período de pandemia/pós-pandemia, residentes na periferia da cidade de Santo André, região do grande ABC Paulista. Vamos considerar como público adolescentes de 12 a 18 anos. Nosso tema central será o que eles e elas nos contam sobre o contexto social ao qual estão inseridos, suas dificuldades, potencialidades, motivações, medos, sonhos, expectativas, alegrias, tristezas, valores, pontos de vista, princípios...A ideia é desconstruir aspectos individualizados e revelar quais os fatores sociais que influenciam as atitudes e as opiniões sobre as formas de ser e de pensar sobre a sociedade. Longe de verificar pontos de vista especulativos, a ideia é observar, na interação entre fatos e explicações, as diversas expressões na relação com o mundo que os cerca. Como metodologia, utilizaremos a técnica de entrevista mista (estruturada+não-estruturada) que vamos desenvolver junto aos(as) participantes do projeto de reforço escolar, além de levantamento documental para verificação do perfil social e de saúde, ambos organizados pelo Projeto Rondon e pelo Centro de Estudos de Saúde Coletiva (Cesco), ambos vinculados ao Centro Universitário FMABC que atua na ocupação do Morro da Kibon há quatro anos. Salientamos a importância de nosso público principal: adolescentes que na fase de maior modificação social, física e psicológica

³ Sempre sob o viés da Saúde Coletiva.

enfrentaram a pandemia vivendo em um ambiente de extrema pobreza. O que eles e elas têm a nos dizer sobre o durante e o pós desse evento? Essencial destacar que não estamos falando dos(as) adolescentes de uma outra camada da sociedade que, ao longo de toda essa fase, estiveram em seus quartos e que, mesmo em isolamento presencial, puderam interagir *online*. É importante notar que o quadro pessoal e sanitário perverso vivido pelos(as) adolescentes de nosso estudo foi intensificado pela já referida situação de extrema pobreza. Isto é, estamos nos referindo àqueles e àquelas que não têm e não tiveram condições mínimas de moradia, educação, alimentação etc bem como de acesso à *internet* e, portanto, não puderam frequentar aulas, mesmo que à distância. Sendo assim, a fala desses(as) adolescentes nesta pesquisa qualitativa, constitui o objeto central de nosso interesse. O desafio é conhecer e problematizar a rede de conhecimentos, as oportunidades, as instituições locais e as relações sociais que produz, normatiza e controla as formas e os lugares nos quais esses adolescentes convivem. Da mesma maneira, abordaremos os modos que exercitam e regulam suas rotinas, relações afetivas, conflitos e confrontos. Verificaremos, através deste estudo, os novos desafios no pós-pandemia, bem como os velhos dilemas de um sistema pautado pela desigualdade de oportunidades, dramática concentração de renda e pobreza extrema. Tal realidade tem conexão com a escalada da violência, ascensão do crime organizado e acentuação do sofrimento mental que poderiam ser evitados com possibilidades reais de uma vida com mais dignidade. É com esta perspectiva que iremos investigar o bem-estar e a saúde mental na fase da adolescência na periferia.

Enfim, de maneira sistemática, o objetivo central da pesquisa é conhecer de que forma fluem e se estruturam os discursos que caracterizam as rotinas, experiências, expectativas, sentimentos, atitudes e valores dos(as) adolescentes. Ressaltamos que o escopo maior desta pesquisa de iniciação científica será produzir referências, dados e conhecimentos qualitativos que efetivamente possam contribuir para a implementação e a avaliação de um sistema de telessaúde piloto nas escolas públicas mais vulneráveis da cidade de Santo André.

Para o alcance de tais metas, a pesquisa tem como objetivos específicos desenvolver um breve levantamento sobre aspectos demográficos, sociais e de saúde dos(as) adolescentes no Brasil; levantar as percepções dos(as) adolescentes da periferia de Santo André em relação às instituições de seu cotidiano; revelar a origem ou os fatores principais que facilitam ou dificultam o acesso aos direitos sociais básicos e conhecer como os(a)s adolescentes de camadas populares vivenciaram a pandemia.

Fundamentação teórica

De acordo com León (2005, p. 10), o conceito de “adolescência” corresponde a uma “construção social, histórica, cultural e relacional, que através das diferentes épocas e processos históricos e sociais vieram adquirindo denotações e delimitações diferentes. Este conceito também inclui outras dimensões de caráter cultural, possíveis de evoluir de acordo com as mesmas transformações que experimentam as sociedades em relação a suas visões sobre este conjunto social.”

Levando em consideração as diferentes concepções que podem existir em torno da adolescência – clássica e contemporânea - podemos encontrar alguns traços frequentes, seja do ponto de vista biológico e fisiológico, ou do desenvolvimento físico. Durante a adolescência alcança-se a etapa final do crescimento, com o começo da capacidade de reprodução, podendo dizer-se que a adolescência se estende desde a puberdade até o desenvolvimento da maturidade reprodutiva completa. Não se completa a adolescência até que todas as estruturas e processos necessários para a fertilidade, concepção, gestação e lactação tenham terminado de amadurecer (León, 2005).

Na teoria sociológica, adolescência é o resultado de tensões e pressões que vêm do contexto social, fundamentalmente relacionado com o processo de socialização por que passa o sujeito e a aquisição de papéis sociais. A adolescência pode compreender-se primordialmente a partir de causas sociais externas ao sujeito, sendo resultado da interação entre fatores sociais e individuais (Deval, 1998, p. 550).

Segundo Pimenta (2006, p.140) adolescência e juventude não são sinônimas, “elas não têm a mesma relação com a idade adulta, portanto não são sinônimas. O que faz sentido é a oposição entre adolescente e adulto. O jovem não se opõe ao adulto, podendo conjugar o outro. Nesse sentido, uma pessoa pode ser jovem e adulta ao mesmo tempo e, ocasionalmente, ainda manter alguns hábitos e comportamentos “adolescentes”, mas não se conceber como um adulto-adolescente, isto é, um misto dos dois.

Os modelos tradicionalmente utilizados em pesquisas em diversas áreas do conhecimento, partem do pressuposto de que a juventude constitui uma categoria que estaria situada, grosso modo, entre a adolescência e a idade adulta. No entanto, uma das principais dificuldades advindas desses modelos é justamente precisar os limites entre adolescentes, jovens e adultos (Pimenta, 2006, p. 144).

As políticas públicas voltadas para adolescentes e jovens, atualmente quase que desconsideradas, não incluem os aspectos relacionados à saúde e bem-estar nesta fase, na

medida em que não reconhecem a saúde mental como parte fundante do desenvolvimento e das relações entre as pessoas. Nesta perspectiva, adolescentes não são reconhecidos socialmente como pessoas livres, sexuadas e autônomas, o que os têm submetido a situações de vulnerabilidade, no plano pessoal, social e institucional.

Entendemos que a vulnerabilidade pode ser social, programática e individual. É a síntese conceitual e prática das dimensões sociais, político-institucionais e comportamentais associadas às diferentes suscetibilidades de indivíduos, grupos populacionais e até mesmo nações, a agravos e/ou adoecimentos⁴.

A maior ou menor vulnerabilidade dos diferentes segmentos populacionais só pode ser compreendida se levarmos em conta um conjunto amplo de aspectos que poderíamos agrupar em três esferas: a individual (podem ser incluídos os aspectos cognitivos e comportamentais), a programática (relacionada com as políticas públicas de saúde e com a maneira como estão organizadas as instituições na comunidade), e a social (fatores coletivos, sociais).

Segundo Ayres (1996), a noção de vulnerabilidade foi explorada inicialmente nos Estados Unidos, por ser considerada uma estratégia de aproximação preventiva à epidemia da AIDS, por causa do preconceito em relação aos chamados grupos de risco ou à injustificável despreocupação de quem não tinha “comportamento de risco”.

Os(as) adolescentes estão hoje mais vulneráveis à violência, evasão escolar, gravidez não planejada e infecção da AIDS, supondo que este fato é resultante de um conjunto de aspectos não apenas individuais, mas também coletivos, contextuais, que acarretam situações distintas entre os homens e as mulheres. Mas as representações correntes sobre adolescência carregam estereótipos como “fase problemática da vida”, “existência de uma personalidade específica”, cuja leitura principal é a noção de “crise”⁵ e desconsidera o contexto sócio-cultural.

Muitas vezes, é veiculado o discurso de que atualmente os(as) jovens e adolescentes são irresponsáveis, imediatistas, individualistas e incapazes de estabelecer planos para o futuro. Outras vezes, afirma-se de modo genérico que as pessoas dessa faixa etária estão às voltas com um turbilhão hormonal que as torna mais impulsivas, rebeldes e irresponsáveis. Todos esses discursos têm em comum o fato de individualizarem os problemas, isto é, atribuírem-nos a características e comportamentos individuais e mais grave do que isso, produzirem rótulos danosos. (NOP, 2001).

⁴ Ayres, 2006.

⁵ Heilborn, 2006, p. 39.

Portanto, para desvelar os principais fatores sociais que determinam as atitudes e os valores na adolescência contemporânea na periferia, a pesquisa gira em torno das seguintes questões:

- Como se caracterizou e se caracteriza a rotina de adolescentes da periferia pós pandemia Covid-19?
- O que eles e elas têm a nos dizer sobre o durante e o pós esse evento?
- Como as diversas instituições sociais atualmente lidam com a questão da saúde e bem-estar nesta fase a partir da perspectiva dos(as) adolescentes?

Metodologia

Este é um estudo qualitativo que busca compreender, com maior profundidade, as relações e os processos que não podem ser entendidos apenas por meio de variáveis quantitativas. É dessa forma que analisaremos um grupo de adolescentes moradores(as) de uma ocupação na periferia de Santo André, o já mencionado Morro da Kibon.

Nossa pesquisa qualitativa levantará material para dialogarmos com um universo denso, proporcionando várias oportunidades de reflexão e excluindo a visão de senso comum relacionada a essa fase. Visão esta que, como já foi dito, coloca no campo individual questões que já há alguns anos causam preocupações e têm sido tratadas como “problemas sociais”.

Posto isto, verificaremos os níveis de bem-estar coletando dados a partir da técnica de entrevista mista, tendo como pretensão de amostra inicial 15 a 20 adolescentes. A utilização da técnica requer a seleção aleatória dos membros para, controlando alguns denominadores comuns, como sexo, idade, posição social e institucional dos respondentes, coletar dados representativos que possibilitem obter uma maior pluralidade de opiniões⁶.

Na aplicação das entrevistas, criaremos uma estratégia inicial para envolver os(as) adolescentes no tema, perseguindo a possibilidade de conhecer suficientemente aquele cotidiano na perspectiva dessa fase. O importante é deixá-los à vontade para falar e também com desejo de falar, garantindo assim que aconteça como esperado.

Os dados obtidos por entrevistas mistas serão transcritos literalmente e examinados por indução temática⁷, utilizando o método *framework*⁸ para a análise de dados qualitativos. Os dados serão

⁶ Castro; Abamovay; Silva, 2004.

⁷ Braun, 2006.

⁸ Saldaña, 2013; Assis, 2016; Srivastava, 2009.

gerenciados no Microsoft Excel e no NVivo⁹. As transcrições serão lidas pelos pesquisadores várias vezes para facilitar a familiarização com os dados, procurando-se os significados e os padrões nos conceitos e temas emergentes com a intenção de desenvolver um conjunto de codificações. O esquema de codificação emergente será discutido entre os pesquisadores para verificar um padrão consistente e qualquer informação contraditória.

Os dados de todas as transcrições serão mapeados sob temas e conceitos, fornecendo um relato detalhado das visões e experiências dos(as) participantes. Ao mesmo tempo, temas relevantes e questões levantadas pelos(as) participantes também serão agrupados.

Aspectos Éticos

Quanto aos aspectos éticos, a investigação nesta área de atuação do Projeto Rondon da FMABC foi cadastrada no Comitê de Ética e Pesquisa de Santo André. Vamos utilizar o consentimento informado previamente à coleta de dados. Além disso, cuidaremos de outros procedimentos de natureza ética, a saber:

- Garantir suporte assistencial e de orientação aos casos identificados de adolescentes em situação de risco no que diz respeito à saúde mental.
- Trataremos a pesquisa como um momento de educação e valorização dos direitos humanos, tanto do consentimento pós-informação, elaborado com os cuidados éticos e informativos, quanto por meio da entrega de materiais educativos que disseminem noções e informações sobre a saúde para estímulo e engajamento no tema.
- Cuidaremos para que todas as entrevistas sejam realizadas em ambiente propício ao sigilo e privacidade dos(as) participantes que podem interromper o diálogo a qualquer momento.
- Cuidaremos para que o consentimento informado de adolescentes menores de 18 anos também seja assinado por seus responsáveis.
- Garantiremos, na finalização da investigação, que os resultados do estudo sejam disponibilizados à UFABC, FMABC, Secretaria de Saúde de Santo André, Consórcio Intermunicipal do Grande ABC (GT Saúde) e demais instâncias competentes para ampliar o conhecimento sobre os(as) adolescentes, bem como para o aprimoramento das políticas públicas.

⁹ Lima, 2016.

Cronograma

Item	Cronograma mensal											
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
Desenvolver breve levantamento sobre aspectos demográficos, sociais e de saúde dos(as) adolescentes no Brasil												
Aplicação das entrevistas mistas												
Transcrição literal dos conteúdos das entrevistas mistas												
Redação da pesquisa												

Contribuições e resultados esperados

Por meio do levantamento de dados qualitativos e análise sistemática das entrevistas mistas, esperamos providenciar um panorama claro e objetivo acerca da realidade da população de adolescentes do Morro do Kibon no que diz respeito ao seu bem-estar e saúde mental (considerando a dimensão da Saúde Coletiva). Com este recorte populacional, pretendemos entender as reais necessidades, barreiras, facilitadores e competências na área da saúde das populações vulneráveis da cidade de Santo André nesta faixa etária. Assim, pensando nos objetivos do projeto “O Uso da Telessaúde em Escolas Para Promover o Bem-Estar dos Estudantes: Um Experimento de Saúde Digital no Município de Santo André”, apresentaremos considerações finais que contribuam para sondar e determinar a relevância, a praticidade e a efetividade de um sistema de telessaúde piloto no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS) e das escolas públicas de Santo André. Isto é, acreditamos que nossos resultados possam ser usados como fonte de referência e guiar no design, desenvolvimento e implementação do sistema de telessaúde para contemplar as demandas reais dos estudantes desta população. Como resultado, acreditamos que conseguiremos facilitar a tomada de decisão dos órgãos públicos envolvidos referente à aplicação do projeto de telessaúde nas escolas públicas, em prol da saúde pública como um todo.

Referências

ABRAMO, HELENA W. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, H.W; BRANCO, P.P. (Org.) Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2005, p. 73-86.

_____; LEÓN, Oscar D. In: FREITAS Maria V. (Org.) Juventude e Adolescência no Brasil: Referências Conceituais. São Paulo: Ação Educativa, 2005.

AUGUSTO, M. H. O.; MARTINS, H. H. T. S. (Org.) . Revista Tempo Social - Juventude(s) e transições. 17. ed. São Paulo: Departamento de Sociologia da USP, v. 1. p. 404; 2005.

_____. O presente e a juventude. In: BRUNI, J. C.; MENNA-BARRETO L.; MARQUES N. (Org.). Decifrando o tempo presente. 1ª ed. São Paulo: Editora da UNESP, 2007. p. 45-68.

ARAÚJO T.W.; CALAZANS G. Adolescência, vulnerabilidade e Sexualidade. São Paulo: Secretaria Estadual de Saúde. São Paulo: 2006, p. 05, 06 e 07. Brochura 01

ASSIS, P.; MEIRELLES, R. A codificação de dados qualitativos como mecanismo de sistematização da revisão da literatura em uma proposta de mapeamento. Anais do 14o Colóquio de Pesquisa do PPGM/UFRJ - vol. 1 - Educação Musical e Musicologia - p. 70, 2016.

AYRES, J.R. de C.M.; CALAZANS, G.J.; SALETTI FILHO, H.C.; FRANÇA JÚNIOR I. Risco, vulnerabilidades e práticas e promoção da saúde. In: CAMPOS, G.W.S.; MINAYO, M.C.S.; AKERMAN, M.; CARVALHO, Y. (Orgs.) Tratado de Saúde Coletiva. São Paulo: Hucitec, 2006. p. 353 a 395.

_____. FRANÇA JUNIOR, I. Saúde do adolescente. In: SCHRAIBER, L.B., NEMES, M.I.B., MENDES, R.B.G. Prática programática e saúde do adulto: ações na unidade básica. São Paulo: Hucitec. [s.d.]. Programa Editorial da Faculdade de Medicina da USDP, v. 4..

BRANDÃO, E.R. “Iniciação sexual e afetiva: exercício da autonomia juvenil”. In: HEILBORN, M.L. (org.). Família e sexualidade. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.

BRASIL. Ministério da Saúde - Secretaria de Atenção à Saúde - Departamento de Ações Programáticas - Estratégicas – Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. Saúde Integral de Adolescentes e Jovens – Orientações para Organização de Serviços de Saúde. Brasília. DF, 2005.

_____. Ministério da Saúde - Secretaria de Atenção à Saúde - Departamento de Ações Programáticas - Estratégicas - Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. Marco Teórico e Referencial de Saúde Sexual e Saúde Reprodutiva de Adolescentes e Jovens. Versão Preliminar - Série B. Textos Básicos de Saúde. Brasília. DF, 2006.

_____. Ministério da Saúde. Departamento de Monitoramento e Avaliação da Gestão do SUS - Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Painel de Indicadores do SUS. Brasília, 2006.

_____. Ministério da Saúde. Departamento de Monitoramento e Avaliação da Gestão do SUS - Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Boletim Epidemiológico 2006. Brasília, 2007.

- _____. Ministério da Saúde. Política Nacional de Promoção da Saúde. Brasília, 2005.
- _____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Área de Saúde do Adolescente e do Jovem – Marco Teórico e Referencial de Saúde Sexual e Reprodutiva de Adolescentes e Jovens. Brasília: 2006.
- _____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Área de Saúde do Adolescente e do Jovem - Marco Legal: Saúde um direito de adolescentes. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2007.
- BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. *Qualitative research in psychology*. 2006;3(2):77-101.
- BUSS P., PELLEGRINI FILHO A. A saúde e seus determinantes sociais. *PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 17(1):77-93, 2007.
- CANIATO, AMP. A violência do Preconceito: a desagregação dos vínculos coletivos e das subjetividades. Rio de Janeiro. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 60, n. 2, 2008.
- CASTRO, M. G.; ABAMOVAY M.; SILVA, L. B. da. (Org) - *Juventudes e Sexualidade*. Brasília: UNESCO, 2004.
- DEVAL, Juan . *El Desarrollo Humano*. Madrid. Siglo XXI, 1998.
- DUQUE – ARRAZOLA, Laura S. O cotidiano sexuado de meninos e meninas em situação de pobreza. In: MADEIRA, Felícia R. (Org.). *Quem mandou nascer mulher?*
- FIGUEIREDO, R.; BRITTON, M. Mc; CUNHA, T.. Juventude e Vulnerabilidade Sexual em Situações de Lazer – Festa. In: *Boletim do Instituto de Saúde*. Governo do Estado. Secretaria de Estado de Saúde. Coordenadoria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos de Saúde. Instituto de Saúde. São Paulo: 2006, n. 40.
- FREITAS Maria V. (Org.) *Juventude e Adolescência no Brasil: Referências Conceituais*. São Paulo: Ação Educativa, 2005.
- GOODE J.W.; HATT K. P. *Métodos em Pesquisa Social*. 4ª edição. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1973. V. 3.
- GOOFMAN, E. Estigma. Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: 1975. Zahar Editores. 3ª edição.
- GROPPO, Luiz. *Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas*. Rio de Janeiro: Ditel, 2000. (Coleção Enfoques. Sociologia).
- GIL, Antônio C. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Ed. Atlas, 1999.
- HEILBORN Maria L.; AQUINO Estela M.L.; BOZON M., KNAUTH Daniela R. (Org). *O Aprendizado da Sexualidade. Reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Editora Fio Cruz - Garamond Universitária, 2006...

LIMA, J.; MANINI, M. Metodologia para análise de conteúdo qualitativo integrado à técnica de mapas mentais com o uso dos softwares *NVivo* e *Freemind*. Londrina, v. 21, n. 3, p. 63-100, 2016.

MADEIRA, Felícia R. A trajetória das meninas dos setores populares: escola, trabalho ou... reclusão. In: MADEIRA, Felícia R. (Org.). Quem mandou nascer mulher? Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1997. p. 45-134.

MANNHEIM, Karl. Funções das gerações novas. In: PEREIRA, Luiz; FORACCI, Marialice M. (Org). Educação e Sociedade. São Paulo: Nacional, 1964, p. 91-97.

PAIVA, Vera. Sexualidade e gênero num trabalho com adolescentes para prevenção do HIV/AIDS. In: PARKER, R., BASTOS, C.GALVÃO, J., PEDROSA, J.S. (Orgs.). A AIDS no Brasil (1982-1992). Rio de Janeiro: Relume – Dumará, 1994. p. 231-50.

NOP. Pesquisa “Juventude: cultura e cidadania”. Fundação Perseu Abramo. São Paulo, 2001. Núcleo de Opinião Pública.

PIMENTA, Melissa de Mattos. Jovens em Transição: um estudo sobre a transição para a vida adulta entre estudantes universitários em São Paulo. São Paulo, 2001. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

_____. “Ser jovem e ser adulto”: identidades, representações e trajetórias. São Paulo, 2007. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas. Universidade de São Paulo.

RUBBIN, HGE, RUBBIN HIS. Qualitative interviewing the art of hearing data. Londres: Sage Publication; 1995.

SALDANÃ, J. The coding manual for qualitative researchers. Second edition, SAGE, 2013.

SPOSITO, Marília P. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, H.W; BRANCO, P.P. (Org.) Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2005, p. 87-127.

_____. Estudos sobre juventude e educação. São Paulo: Revista Brasileira de Educação, 1997, p. 37 a 52.

SRIVASTAVA, A.; THOMSON, S. Framework Analysis: a qualitative methodology for applied policy research. JOAAG, vol. 4, n. 2, 2009.

Sites a consultar

www.redesaude.org.br

www.unicef.org/brazil

www.seade.gov.br

www.projetojuventude.org.br

www.fpabramo.org.br.

www.saude.gov.br/editora

www.fsp.usp.br/rsp

www.unesco.org.br

www.isaude.sp.gov.br

<http://portal.saude.gov.br/saude>.

www.projovem.gov.br/2008

www.mds.gov.br/servicos